



Foto: Clara Brant Paiva

## Festa do Divino na Aitiara

Por Camila Amorin, professora de classe 2º ano e Danielle Dutra Felicori, professora do Jardim Ceciaram

A pomba é aquela que anuncia a boa nova. É a que avisa que existe terra firme após os 40 dias de dilúvio, a que ajuda a menina em apuros nos contos de fadas, a que traz à tona a verdade. A pomba também esteve presente no rio Jordão, no momento em que João e Jesus se encontraram para o batismo, para a chegada do Cristo Jesus.

E foi novamente ela que desceu dos céus 50 dias após a Páscoa, sobre os doze apóstolos e Maria. Nesse encontro, todos os presentes que

falavam diferentes línguas puderam compreender o que era dito, uma nova linguagem surgiu, a linguagem do futuro, do Amor, do Divino.

Aqui no Brasil é comum encontrarmos pombinhas penduradas nas portas das casas. Muitos, certamente, já as viram! Pois são essas pombinhas que na época de Pentecostes se espalham sobre bandeiras vermelhas pelas cidades. As festas do Divino acontecem de diferentes maneiras em nossa terra, é uma manifestação genuína, repleta de fé, devoção, entrega e união.



Neste ano um vento soprou e trouxe a pomba do Divino Espírito Santo para a nossa escola. Ela veio honrar a vida e união de tantas crianças que carregam consigo a promessa de futuro. Um futuro no qual o amor e a comunicação possam imperar trazendo a paz.

Pudemos sentir naquela manhã a potência desses corações que estavam abertos para o novo e plenos de presença. Crianças de dois a dez anos caminharam com um longo mastro colhido por algumas delas, que nesse dia uniu o céu e a terra, além de uma bandeira do Divino, que foi bordada à mão durante os 40 dias de Páscoa.

Enquanto caminhavam, o som das caixas do Divino, tocadas por algumas professoras, pulsava como as batidas dos corações. Entre os toques, vozes diversas entoavam uma canção sobre o caminho do Sol, a boa nova, o ritmo e a esperança.

A canção “Alvoradinha” é preservada por guardiãs da tradição da festa do Divino no Maranhão, que é também celebrada pela mesma família em São Paulo. Faz parte da sabedoria ancestral que cultivam as caixas do Divino Espírito Santo da Família Menezes.



Fotos: Gabriela Guenther

Depois do cortejo pela escola, nos unimos em torno do gramadão e, numa solenidade repleta de veneração, as crianças do quarto ano entregaram o estandarte às crianças do primeiro ano, que realizaram o levantamento do Mastro. Desse modo, fizeram com que a pombinha branca estampada em bandeira vermelha tocasse novamente o azul celeste.

Assim foi a primeira festa do Divino em nossa querida escola Aitiara.

Que possamos, ano a ano, nos reencontrarmos e nos transformarmos com o calor dessa celebração.

Viva o Divino!

Viva as crianças!



## As quatro imaginações: solstício de inverno

Por Daniel Trabbold, membro do CFam e pai no Jardim Araci

*“O inverno é um tempo de fé e de esperança na gestação das sementes, na sua futura germinação, no renascer da vida”*

Rudolf Steiner, 6 de outubro de 1923

O dia 21 de junho foi marcado por um evento astronômico, o solstício de inverno. Ciclicamente, por meio de cálculos astronômicos e não pela meteorologia, a Terra passa mais uma vez por esse marco. O solstício é um evento ligado à inclinação da órbita da Terra em relação ao Sol, onde essa inclinação influencia a quantidade de luz solar que cada metade do planeta recebe e que anuncia a entrada do inverno no Hemisfério Sul e a do verão no Hemisfério Norte.

Os eventos astronômicos, por vezes, nos parecem abstratos diante de nossa perspectiva terrena e, atualmente, por conta também de nosso modo de vida urbano. A natureza, porém, nos mostra explicitamente, em cada pulsar, respiração ou ciclo, que as características e qualidades dessas estações influenciam a Terra e, conseqüentemente, a nós.

Viver em ambientes controlados pode nos afastar dessas percepções, das mais claras às mais sutis. A percepção se contenta se está frio ou calor, e por meio dela escolhemos a roupa que devemos usar. As sutilezas da vida, o subjetivo, no entanto, ainda estão presentes. Os dias mais curtos, por exemplo, por mais que não percebamos, influenciam em nosso ciclo de sono. Quem mantém uma percepção mais profunda do ritmo lida de forma mais natural, e assim se adapta a um ciclo natural maior de sono; já quem não se atém a essas transformações pode passar por situação de estresse por não manter a quantidade de sono que seria necessária naquele momento.

De 2014 a 2021, tive a oportunidade de morar em um sítio localizado em uma região montanhosa onde, pelas condições geográficas, as estações são bem definidas. Essa vivência das estações me despertou para um texto, o qual ao longo de anos não tenho entendido seu conteúdo – mas continuo no caminho de tentar compreendê-lo. Resolvi, então, vivenciá-lo. No caso, conforme a sugestão do autor de “A vivência do decurso do ano em quatro imaginações cósmicas”, ele mesmo recomenda vivenciar as estações do ano com a leitura e releitura de cada “imaginação cósmica”, em cada estação do ano correspondente. Por alguns ciclos de estações, me colocar à disposição de outros sentidos e sentimentos me fizeram ter certas percepções, nem tanto espirituais, mas de sentido de pertencimento e como ser sujeito à natureza maior da Terra.

Primeiro, coloquei como meta não entender ou levar ao pé da letra as qualidades que Steiner relata, mas sentir e vivenciar a natureza que está disponível ao nosso contato, como no inverno sentir o frio que dói na pele, observar os dias escurecendo mais cedo, ver a vida no solo adormecida, a diminuição dos cantos das aves, o recolher das brotações na superfície, as plantas dormentes e, na agricultura, a aplicação de calcário no solo.

*“Em verdade, a arte não pode ser senão a reprodução do que o ser humano sente em conexão com o universo, que provoca na sensação humana a impressão de que, a partir da obra de arte, a alma pode se abrir aos mistérios do universo”*

Rudolf Steiner

Resumir um texto significa reduzi-lo em poucas palavras, mantendo (espero) o seu objetivo. O resumo abaixo apresentará uma visão geral do texto.

“Devemos encarar a essência da Terra na época do inverno, naturalmente sem esquecer que, se para uma metade da Terra é inverno, para a outra é verão. A partir disso imaginamos que a Terra nesta época de inverno é um ser intensamente fechado em si. Ela acolheu do universo tudo que deixou fluir para fora durante o verão, especialmente no que diz respeito ao elemento espiritual. Portanto, durante o inverno profundo, a Terra é Terra ao máximo; ela é sua entidade mais genuína.

Vejamos essa Terra, ela é o núcleo terrestre sólido que para fora mostra apenas sua superfície, onde habitamos; mas esse núcleo está em grande parte coberto pela hidrosfera. Podemos até imaginar essa massa aquosa continuando ao ascendermos do mar à atmosfera, na qual é muito mais sutil do que a água dos mares e rio.

Isso exerce intensas forças sobre a Terra, de tal modo que ao olhar para ele a partir do espaço nos parece uma grande gota d’água no universo. Aprofundando-se, ao penetrarmos na Imaginação e na Inspiração, essa gota é uma gigantesca gota de mercúrio, com a substância mercúrio extraordinariamente diluída; a esta gota de mercúrio estão agregadas as substâncias minerais e terrestres. De modo que ao olharmos para essa configuração, tendemos a olhar para a forma esférica geral, que é a forma mercurial – o mercúrio metálico é apenas o símbolo que a natureza deseja para aquilo que o mercúrio faz. E a ela está incorporado aquilo que dá a si mesmo formas próprias das maneiras mais diferenciadas: as formas minerais de cristalização.

Outro processo é o sulfúrico que é intermediado a partir do universo através do calor que vem de cima do ar. Por meio do ar o processo de sulfúrico (ar-calor) junta-se ao processo mercurial (água-ar).

Aproximando-nos mais da Terra, do interior da Terra, torna-se importante que, no fundo, a Terra quer ser o processo de ácidos, e como dos ácidos vêm os sais, a formação de sal (não se refere ao sal de cozinha, mas a todos os sais minerais da terra), que faz a partir de si na época do inverno profundo.

Durante o verão, o processo salino novamente se mistura com a atmosfera, pois as plantas, ao se desenvolverem, crescerem, levam para cima os sais através das folhas, flores, até as sementes.

Ao chegar no inverno profundo significa que cada um desses princípios, sal, mercúrio, enxofre, adota sua própria constituição interior: os sais se recolhem para o interior da Terra; na hidrosfera, no aquoso, penetra o anseio de alisar-se em forma esférica. O processo de enxofre se retrai, de forma que nessa época não existe muito a necessidade de encarar o processo de enxofre com algo especial.



No âmbito orgânico tudo é diferente. Ao que urge na formação salina exigida no interior da Terra, a isso se acrescenta o que, de certo modo, caiu no solo terrestre da inseminação da planta, do seu florir, desse processo de cocção, de combustão de cada planta. Tudo que é formação de semente, que no fundo é uma combustão, tem a característica de cinzas e, a partir do fim do inverno, na verdade a Terra é inteiramente impregnada pela formação de cinzas e no final de outono a Terra é impregnada pela formação de cinzas.

De modo que, ao contemplarmos a Terra no inverno profundo, temos a tendência de formação de sal; além disso, temos o processo de formação de mercúrio em sua forma mais clara e definida, como por exemplo em uma gota de orvalho. Nessa crosta salina imediatamente abaixo da superfície da Terra tornam-se especialmente ativas as forças lunares, pelo fato de abrigar o sal em si.

Na época do inverno, a Terra realmente se torna espiritual em si, por meio do teor salino, que então se consolida especialmente. A água assimila a tendência interior de se formar esfericamente, capacitada a vivificar esse elemento material espiritualizado, transferi-lo para o estado vivente: a Terra se revigora sob sua superfície. Por meio do princípio mercurial, no princípio salino e espiritual está ativa a tendência de se tornar viva. Durante o inverno há um enorme fortalecimento da Terra no sentido de, sob sua superfície, desenvolver vida.

A planta aspirou ascender ao processo de sulfurização; deste processo de sulfurização caiu a cinza. Isto é o que reconduz a planta à Terra, após ele ter aspirado ascender ao etérico-espiritual. Assim, na época do inverno profundo temos, na superfície da Terra, a tendência de acolher em nós o espírito, de vivificar, mas também de transformar a característica lunar em característica terrestre.

Neste ponto entre as forças solares, o sol faz valer seu efeito em tudo que atua em cima. A Terra com essas forças lunares pode acolher em si os efeitos solares.

Observar o curso do ano significa caminhar com a grande artista cósmica (Terra) e novamente reavivar em si o que o céu fixa na Terra em poderosas imagens que então se tornam realidades para o coração humano. Assim, o curso do ano pode se desvendar em quatro *Imaginações*”.

A vivência do decurso do ano em quatro imaginações cósmicas  
GA 229 - Rudolf Steiner, outubro de 1923

No texto, Steiner concebe a Imaginação de inverno por meio da imagem da Madona Sistina, de Rafael, a qual ele atribui sua concepção de nascimento dos grandes conhecimentos antigos sobre a natureza e o espírito. Ela é a reprodução daquela Imaginação que deve ter o ser humano que, com a visão interior, se identifica com os mistérios do urdir invernal.

A imaginação está no texto para quem quiser se aprofundar e, assim como eu, tentar entender um pouco mais. O que tenho como resultado não é a compreensão total, mas o convite para a vivência e abertura aos estímulos da natureza ao nosso redor. Somos seres da natureza e, na forma carnal, o que temos como habitat é o meio ambiente, com suas configurações próprias em um dinamismo de ação e reação aos eventos cósmicos e meteorológicos muito acima de nossas forças.

Desejo a vocês boas férias escolares e uma boa vivência do inverno.

## Mestre da cultura mandinga

por Marina Cangiani, professora substituta de Eurytmia

Na última semana do mês de maio, a Aitiara recebeu uma visita especial, vinda diretamente da Guiné Conacri, no continente africano: o mestre da cultura mandinga Djanko Kalaban Camara.

Esse percussionista, dançarino e cantor que transborda com simplicidade sua profunda experiência vem, de tempos em tempos, desenvolvendo um trabalho com interessados por essa arte em nossa cidade, à convite do Julio Pimentel (percussionista e pai da escola).

Djanko esteve presente conosco em três diferentes momentos: para os alunos do 7º ano, falou sobre a cultura de seu país, ensinou um ritmo no “dunumbá”, no djembe e conduziu uma sequência coreográfica; durante o “gramadão”, acompanhado dos percussionistas/familiares da escola, conduziu uma coreografia

que todos, dos menores aos maiores, puderam vivenciar com muito calor e alegria; para o colegiado, Djanko, entre tantas falas preciosas, nos contou sobre a valorização da arte e dos artistas em seu país, nos ensinou uma belíssima canção e uma coreografia significativamente expressiva.

***O sentimento de experienciar a riqueza e a força dessa manifestação certamente acendeu uma chama que nos conecta às raízes da nossa cultura.***



Fotos: Marina Cangiani

O som do djembê e os delicados gestos, realizados a cada passo com pleno sentido e tamanha conexão, só reforçam a necessidade de valorizarmos a sabedoria presente nas culturas ancestrais, tão atuais e que ocupam um lugar de grande importância no processo de uma educação para a liberdade.



## Adana, da comitiva indígena do povo Kambeba, visita a Aitiara

Por Rian Beduschi, professor de Geografia e História da área IV e Izabelli Garcia, estagiária do Apoio Pedagógico da área IV

A escola Aitiara recebeu no dia 15 de junho a ativista e médica Adana, pertencente à etnia indígena Kambeba, também chamada de Omágua, da região do alto do Solimões, Amazônia.

Nesse dia, fomos presenteados com uma palestra sobre a perspectiva histórica e cultural dos povos indígenas do Brasil, com ênfase especial no povo Kambeba. Por meio da apresentação de imagens de sua região de origem, de elementos culturais milenares, de histórias sobre pessoas de sua etnia que hoje atuam por todo o Brasil – e com uma fala firme e profunda – pudemos nos envolver com o passado e presente de seu povo.

Ao final da palestra, ouvimos um lindo canto em língua tupi, traduzido por ela, que nos inspirava e alertava sobre a necessidade urgente de nos reconectarmos e preservarmos nossa mãe natureza. Após esse momento, tivemos também a oportunidade de realizar perguntas para a Adana, que nos respondeu com muita atenção e profundidade, marcando assim o fim desse incrível encontro.



Desenho de lousa da Professora Isabella Antunes, época de Gramática no 7º ano.



Fotos: Clara Paiva

## Entrevista: narrativas de resistência

Por Fabiana Camargo Pellegrini, professora de Literatura da área IV

A visita de Adana, do povo Omagua Kambeba, à Aitiara coincidiu com o período em que recebemos a terrificante notícia do sumiço, e posterior confirmação de assassinato, do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips. Também se deu depois de um período de estudo, tanto em Literatura brasileira como em História, em que a luta pelo reconhecimento e direito à terra dos povos originários vem sendo debatida entre os estudantes do Ensino Médio.

Para vivificar os debates e não perdermos a oportunidade de fomentarmos reflexões sobre o tema, resolvemos fazer uma entrevista com Adana, organizada no calor de sua passagem pela escola por um grupo de mais ou menos 15 jovens, de diferentes turmas do Ensino Médio, além da participação ativa da Clara Paiva e Izabelli Garcia, pelo Apoio Pedagógico. Juntos, construímos um roteiro de entrevista e, com a experiência de filmagem que o 10º ano vem desenvolvendo para a realização de um documentário (atividade integrante na área de Linguagens do Novo Ensino Médio), convidamos Adana para conhecer a região das Nascentes, local escolhido pelo grupo para realizar a conversa que aqui compartilhamos.

Esperamos que a força de suas palavras ecoe também à toda comunidade escolar. Que possamos juntos construir diálogos e ações que possam, ainda que em meio à histórica forma da morte de ativistas como estratégia política, gerarmos consciência e esperança para tempos melhores.



Foto: Clara Paiva



[Clique para ver a entrevista](#)



## Na estante da biblioteca

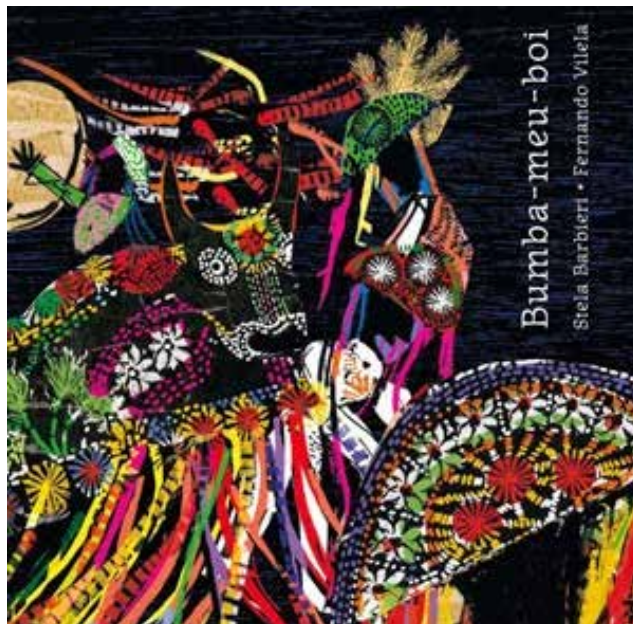
### **BUMBA-MEU-BOI**

Stela Barbieri e Fernando Vilela

Editora Girafinha, 2007

Existem muitas versões e nomes diferentes para o bumba-meu-boi. Na versão que Stela Barbieri e Fernando Vilela recontam para o público infantil, inspirada na versão maranhense do auto, o boi tem o “courinho todo preto, salpicado de colorido” e encanta a todos na festa de São João. Inclusive a Mãe Catirina, que estava grávida e com desejo de comer justamente língua de boi.

A história de como ela faz para matar esse desejo e de como esse boi, para alegria de todos, volta a mugir é contada e reinterpretada desde o século XVIII no Brasil. Em cada região do país a música, os personagens e até mesmo o próprio boi ganham novas características, o que permite que esse folguedo seja até hoje, e em todos os sentidos, tão popular.



[Clique para assistir a contação da História do Boi e do Pai Francisco](#)

**COMO É A BIBLIOTECA QUE VOCÊ SONHA PARA A ESCOLA AITIARA?**



[Responda a pesquisa e contribua para a melhoria desse espaço](#)

# AMANAJÉ

**Conselho editorial:** Bruno Jubileu, Fabiana Camargo Pellegrini e Gabriela Guenther. **Edição e revisão:** Fabiana Camargo Pellegrini. **Arte:** Gabriela Guenther.

Os textos assinados são de responsabilidade de seus autores. Quem quiser colaborar com relatos, notícias ou informes, pode enviar seu texto para [amanaje@aitiara.org.br](mailto:amanaje@aitiara.org.br). Os materiais e sugestões serão avaliados pela equipe editorial.